cia não é vazio, não é ausência: «a ignorância é um tecido de erros positivos, tenazes, solidários» (p. 14). O conhecimento só progride por rectificação sucessiva de erros, só pode resultar da «razão polémica» e não da «razão arquitectónica» (cfr. p. 195): o *imediato* terá sempre de ceder o passo ao *construído*.

Assim se define, contra um empirismo sufocante, a hierarquia dos actos epistemológicos: ruptura, construção, constatação. Ou como também, sintèticamente, afirmava BACHELARD, o vector epistemológico vai do racional ao real.

João Ferreira de Almeida

GAOUZNER, N. — *A Classe Operária irá Desaparecer?* — Editorial Estampa, Lisboa, 1972, 124 pp.

N. GAOUZNER pretende refutar as teses de uma certa sociologia, pródiga em asserções de contorno «científico» respeitantes ao progressivo desaparecimento da classe operária e paralela constituição de uma vasta «classe média» nas sociedades industrializadas. E, consequentemente, o autor propõe-se «esclarecer o papel real do proletariado na sociedade contemporânea e examinar as mudanças que se produzem na sua estrutura e na sua situação».

Esclarecidos nós, os leitores-consumidores, quanto às (boas) intenções do autor, esclarecidos pretenderíamos ficar, e não ficámos, quanto à transparência do referencial conceptual utilizado. É que parece ser exactamente esta a primeira grande «pecha» deste trabalho: o estribar-se numa armadura conceptual relativamente distorcida, mesmo confusa, carecida de rigor teórico, de coerência com a perspectiva teórica onde iniludivelmente intenta assentar: a análise marxista. Vejamos e exemplarmente: o próprio conceito de *proletariado,* peça basilar de uma utensilagem analítica pertinente para desbravar a área apontada, surge definido de um modo a prestar-se a velho-e-relho equívoco. Depois de operar a distinção entre os diversos grupos de agentes sociais consoante a sua situação perante os meios de produção, «uns são proprietários de pequenas ou de grandes fábricas ..., os outros para viverem ...», o autor cai na falsa identidade «classe operária = salariato», resultado de uma inadequada conceptualização de trabalhador produtivo. Com efeito, o salário, mera forma jurídica de repartição do rendimento, não permite circunscrever a classe operária.

Mas há outro vício de que este trabalho está impregnado, que é o seu «modo de dizer» as coisas. E di-las às vezes assim: «Este [o movimento operário] desempenha honrosamente a sua missão histórica, sem se deixar iludir pelas mentiras e calúnias que se erguem, quer da direita, dos monopólios e dos seus sábios defensores, quer da esquerda, dos maoístas». E um «tom» destes ...

Bem, mas inventariemos os principais pontos abordados. Num primeiro, o autor fala-nos de «a concentração» do capital e a «proletarização dos trabalhadores», refere a extensão absoluta e relativa do proletariado provocada pela concentração dos meios de produção, «devido a leis económicas objectivas». A «revolução» científica e tecnológica e suas consequências na estrutura da classe operária quanto aos ramos, profissões e qualificações são o objecto de um segundo ponto, aliás desenvolvido de forma ampla e relativamente consentânea com a evolução da divisão social e técnica do trabalho. Depois, é o processo de proletarização dos empregados, do pessoal técnico, etc., no quadro do capitalismo monopolista, que é tratado, avançando o autor em apoio do seu ponto-de-vista uma quantidade apreciável de dados estatísticos, como de resto em relação a todos os outros pontos. Segue-se uma análise evolutiva dos «principais destacamentos do proletariado», uma resposta (correcta) à questão «a exploração do capital pelo trabalho está em vias de desaparecer?» E, finalmente, a afirmação peremptória (mas à boa maneira de «hino») que «a luta de classes progride».

Eduardo de Freitas

The Limits to Growth — A Report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind — Ed. Earth Island, Ltd., London, 1972, 197 pp.

Apesar de amplamente discutido e divulgado (ou talvez por isso mesmo) é oportuna uma referência ao relatório do Massachussets Institute of Technology, para o «Club de

Roma», agora editado em Inglaterra pela Earth Island Ltd. e em França, sob o título de «Halte à la croissance», pela casa Fayard. A edição francesa tem estado, aliás à venda em Portugal.

Tentar-se-á, pròximamente, elaborar uma nota, não tanto sobre o livro em si como sobre as reflexões e as reacções que o mesmo tem suscitado. Entretanto, porém, resumem-se a seguir alguns dos aspectos principais da obra.

Como se sabe, o relatório intitula-se «The Limits to Growth», com o subtítulo «A Report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind». Este «Club de Roma» é definido como um «grupo de pessoas informal, apolítico e internacional, profundamente interessado nos problemas que ameaçam a sociedade humana». Fundado em 1968, engloba cerca de 70 pessoas de 25 nacionalidades, com formação e origem muito variadas, tais como cientistas, humanistas, educadores, industriais, etc., que não se ocupam de decisões políticas correntes. Os principais objectivos do Club são assim anunciados sintèticamente: «conseguir através da investigação, um conhecimento melhor do sistema global em que vivemos e ajudar os políticos mundiais a conceber novas formas de resolver os problemas deste sistema».

O livro compõe-se de uma *Introdução* e cinco capítulos: I — *A Natureza do Crescimento Exponencial,* II — *Os Limites do Crescimento Exponencial,* III — *O Crescimento no Sistema Mundial* IV — *A Tecnologia e os Limites do Crescimento,* e V — *A Situação de Equilíbrio Global.*

A sua principal conclusão é célebre e justifica, só por si, toda a atenção pela obra: «Se as actuais tendências de crescimento da população mundial, da industrialização, da poluição, da produção alimentar e do desperdício de recursos permanecerem sem alteração, os limites do crescimento no nosso planeta serão alcançados dentro dos próximos cem anos».

Os dois primeiros capítulos são consagrados a reflexões sobre a diferença que existe entre um crescimento linear e um crescimento exponencial. E toda a ênfase é posta no facto de estar em causa a viabilidade de crescimentos exponenciais: são, de facto estes que se registam na maior parte dos indicadores do desenvolvimento. O que aliás se compreende, se aliarmos o crescimento (preocupante) da população, a elevação do nível de vida *reclamada* por três quartos da humanidade e a elevação do nível de vida *efectivamente registada* no quarto restante. Mais ainda: para haver crescimento exponencial basta que se mantenha a taxa; mas a consideração do conjunto das tendências apontadas exige e muitas vezes traduz-se já pelo aumento gradual das próprias taxas de crescimento.

O principal motivo de alarme é, portanto, o carácter exponencial da produção, com o esgotamento a breve prazo, das reservas de recursos não renováveis (tais como os metais e os combustíveis fósseis). Com base nas taxas actuais, as reservas conhecidas dariam, segundo o relatório, para um futuro muito próximo: por exemplo, 22 anos para o gás natural, 20 para o petróleo e 13 para a prata. Mas o mais importante é que, se admitirmos reservas quíntuplas das conhecidas, aqueles períodos subirão, respectivamente, para (apenas) 49, 50 e 42 anos. O aspecto exponencial do crescimento é, portanto, muito mais importante do que a avaliação dos recursos em números absolutos.

No seguimento da obra, os autores ensaiam a construção de um modelo explicativo do crescimento à escala mundial, desenvolvendo os «feedback loops» entre os diversos componentes desse modelo, afim de detectar as influências recíprocas e a sua resultante sobre o conjunto. E abordam também a evolução tecnológica, considerada às vezes como panaceia para todo e qualquer crescimento. «A crença na tecnologia como solução última para todos os problemas pode afastar a nossa atenção do mais importante deles — o problema do crescimento num sistema finito — e evitar que tomemos providências efectivas para o resolver».

Para evitar o desastre, que propõem os autores? *Passar do crescimento à estabilidade* — solução aparentemente simples, mas que se revela mais difícil de pôr em prática que qualquer dos progressos até hoje conseguidos.

Afim de evitar que os mecanismos naturais venham pôr, de forma drástica (em certos casos irreversível)

um travão ao crescimento exponencial, seria indispensável aproveitar as próximas décadas para tomar um conjunto de orientações, entre as quais se incluiria:

— estabilizar a população e a produção industrial;
— orientar o investimento para a produção de alimentos e outros bens essenciais à vida humana;
— economizar os recursos não-renováveis, nomeadamente os minerais e a água potável;
— desenvolver a reciclagem dos recursos, o contrôle da poluição e a conservação dos solos;
— aumentar a duração dos produtos industriais;
— transferir a «mística» do consumo de bens materiais para valores não materiais, tais como a educação e a saúde.

Contra este programa, há um mundo inteiro de interesses, necessidades e hábitos, que vai desde actividades gigantescas, como a indústria automóvel, a publicidade ou a aviação, até «coisas muito pequenas», tais como o passatempo de tirar fotografias ou o desporto da caça... Tudo isto, crescendo a taxas exponenciais!

Por isso, há razões sólidas para preocupação!

R. Silva Pereira

MARANDA, Pierre (organizador) — *Mythology: Selected Readings* — Penguin Books, Londres, 1972, 319 pp.

Da listagem de textos agrupada em cinco partes, cujos títulos pretendem ser respectivamente uma marca distintiva do conteúdo que se lhes segue, e porque nem sempre se encontrou tal diferença de informação, procurou-se nova forma de leitura — e consequente associação dos textos — segundo dois parâmetros fundamentais:

1 — O mito como sistema de comunicação.
2 — O mito e a realidade.

Aponta-se antes de mais uma primeira dificuldade de síntese, pela condensação de demasiados problemas, quase sempre apenas esboçados em curtas passagens — extractos de discursos cuja leitura integral seria necessária para a total compreensão das análises conceptuais e metodológicas apresentadas.

1 — O mito como sistema de comunicação.

«More strictly myths are stylistically definable discourses that express the strong components of semantic systems» p. 13.

Os mitos são a actualização cultural de sistemas semânticos constituídos por unidades mínimas, as formas básicas invariantes cuja formação vem dos «nossos antepassados», perpetuando uma informação «mais uniforme do que a própria história». Os discursos míticos variam estilísticamente com o tempo e com o espaço, reproduzindo num processo cíclico certos mitos já anteriormente construídos. Um exemplo da sua continuidade histórica é-nos apresentado por MARANDA na «Introdução» — a tecnologia moderna substitui o mito da transformação da modesta na bela Cinderela através dos dotes da varinha de condão da madrinha, pela idêntica e misteriosa metamorfose que um sabonete de beleza pode provocar numa mulher.

a) Formação do discurso linguístico e místico-função metafórica e processo cultural de associação.

A metáfora é para E. CASSIRER — in «The Power of Metaphor», pp. 23-31 — a figura fundamental das estruturas linguística e mítica. Numa primeira interrogação sobre qual a origem do efeito metafórico, discute-se a hipótese deste ser «a denotação *consciente* de uma ideia pelo nome de outra», supondo-se lògicamente que as ideias estão pré-fixadas em relação às suas correspondências verbais, isto é, que se pode caracterizar o significado pela sua marca de *presença,* fora da sua relação com o significante.

Embora não se pretenda desenvolver aqui a lógica do signo — cujo conhecimento nos parece fundamental para a análise de qualquer sistema ou meio de comunicação — sublinha-se a característica de *ausência* do significado, que não pode existir sem o significante. «Um significado sem significante é indisível, inexistente» — in *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Humaines,* p. 132.

BARTHES define a denotação como uma operação da metalinguagem sobre o próprio sistema conotado, procurando reconstituir o sistema real ou linguagem-objecto. Ora a